

'HOMO TECHNOLOGICUS': FORMAÇÃO DOCENTE DE HISTÓRIA E NOVAS TECNOLOGIAS

Ramon Nere de Lima¹

RESUMO

Este artigo pretende pontuar considerações sobre a formação do docente em história e suas relações com as novas tecnologias, o papel das tecnologias em sala de aula e suas interações no ensino-aprendizagem para a constituição do conhecimento histórico, entendendo as possibilidades existentes no diálogo na utilização dos recursos tecnológicos, bem como aspectos sobre os considerados 'nativos digitais' no ensino-aprendizagem de história, percebendo suas características. No tocante aos aspectos teórico-metodológicos, esse trabalho se trata de uma pesquisa descritiva, bibliográfica e de cunho qualitativo. Tem por base os trabalhos Aprendizagem histórica no ensino de História: algumas considerações, de Lídia Baumgarten (2017), O ensino de História e as novas tecnologias: da reflexão à ação pedagógica, de Mary Jones Ferreira de Moura (2009), além de outros trabalhos acadêmicos, como artigos científicos, livros sobre a temática e correlatos. Pode-se observar perspectivas sobre a formação docente e as suas relações com as novas tecnologias, as transformações ocorridas nos alunos e suas relações com o ensino-aprendizado de História.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente. Novas tecnologias. História. Ensino-aprendizagem.

'HOMO TECHNOLOGICUS': FORMATION DES ENSEIGNANTS D'HISTOIRE ET DE NOUVELLES TECHNOLOGIES

RÉSUMÉ

Cet article se propose de ponctuer des considérations sur la formation du professeur d'histoire et ses relations avec les nouvelles technologies, le rôle des technologies dans la salle de classe et leurs interactions dans l'enseignement-apprentissage pour la constitution de la connaissance historique, la compréhension des possibilités existantes dans le dialogue dans l'utilisation des ressources technologiques, ainsi que des aspects sur les "natifs numériques" dans l'enseignement-apprentissage de l'histoire, en percevant leurs caractéristiques. En ce qui concerne les aspects théoriques et méthodologiques, ce travail est une recherche descriptive, bibliographique et qualitative. Il s'appuie sur les ouvrages L'apprentissage historique dans l'enseignement de l'histoire : quelques considérations, de Lídia Baumgarten (2017), L'enseignement de l'histoire et les nouvelles technologies : de la réflexion à l'action pédagogique, de Mary Jones Ferreira de Moura (2009), ainsi que sur d'autres travaux universitaires tels que des articles scientifiques, des livres sur le thème et des ouvrages connexes. Il est possible d'observer des perspectives sur la formation des enseignants et ses relations avec les nouvelles technologies, les transformations qui ont eu lieu chez les étudiants et leurs relations avec l'enseignement-apprentissage de l'histoire.

MOTS CLEFS: Formation des enseignants. Nouvelles technologies; Histoire; Enseignement-apprentissage.

¹ Mestrando em História pela Universidade da Integração Latino-americana (UNILA). Pós-graduado em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação, Metodologia de Ensino de História e Gestão Pública pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Bacharel em Ciência Política pelo Centro Universitário (UNINTER). Licenciado em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Graduando em Direito pela Universidade Federal do Acre (UFAC).
E-mail: ramonnere99@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais fazem parte da sociedade e trazem modificações em todos os aspectos da vida social contemporânea, no que diz respeito ao meio educacional não é diferente, ele vem se adequando em virtude do desenvolvimento de novas tecnologias que impactam em todos os seus aspectos, pois tal como a sociedade se transforma, os alunos também passam pelo processo de mudança e já não são os mesmos para qual o sistema escolar foi formulado.

Assim, pode-se dizer que o aluno do século XX, tido como analógico, é distinto daquele aluno que nasceu no século XXI, considerado como sendo digital, envolto num mundo informatizado. Vale ressaltar, segundo Silveira e Bazzo (2005), que o processo de transformação da técnica acontece ao longo da história, e não é algo exclusivo dos tempos modernos, contudo, pode-se considerar que os avanços no meio científico a partir da segunda metade do século XX, têm papel significativo no desenvolvimento tecnológico percebe-se também que essas modificações tendem a acontecer mais rápido principalmente nos países com maior desenvolvimento econômico, que investem também em recursos e infraestrutura necessárias .

Além disso, nota-se que, ao longo do tempo, a ação humana passa por duas contradições: o continuum, ou seja, as coisas que o homem faz ao longo do tempo e a mudança, as alterações acontecidas nos indivíduos em diferentes épocas no decorrer do percurso histórico. Dessa forma, as sucessivas revoluções tecnológicas e de técnicas alteraram demasiadamente o intervalo psicológico geracional. A sensação do homem nascido na era da internet é de distanciamento de seus antecessores e isso reflete significativamente no meio educacional tanto em docentes como discentes.

Desse modo, um dos aspectos importantes de análise sobre essas relações de mudanças dentro da educação, é a formação de professores e as novas tecnologias, aqui em específico a formação do docente em história e suas relações com esses recursos digitais e a relação da geração dos 'nativos digitais' com o ensino-aprendizagem de história.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Formação do docente em história

As tecnologias digitais surgem em uma dimensão mundial de interligação de formação em rede, modificando inclusive a percepção de leitura, comunicação em rede, viabilizando uma maior mobilidade na utilização e construção de textos, além do acesso a mais informações, dessa forma,

isso altera as perspectivas educacionais, o ensino e aprendizado em História se modificam por essa volumosa exposição de informações.

Assim, no tocante a formação do docente em História percebe-se as considerações sobre as relações com as novas tecnologias da informação, o papel das tecnologias na formação inicial e continuada, os novos recursos digitais no ensino-aprendizagem para a constituição do conhecimento histórico entendendo as possibilidades existentes de diálogos, se valendo das tecnologias para o aprimoramento na prática de pesquisa e ensino para a melhor interação com as novas gerações de alunos, dando um significado transformador tanto para os docentes em formação assim como para os discentes.

Numa retrospectiva histórica sobre a formação docente no Brasil, aponta para seu surgimento com a independência e a necessidade de instrução popular (SAVIANI, 2009). Desse modo, ao longo do tempo foram as transformações ocorridas na sociedade brasileira que desencadearam as alterações nas questões da formação de professores, com isso, de acordo com a já mencionada autora esses dois séculos podem ser organizados em:

1. Ensaio intermitentes de formação de professores (1827-1890). Esse período se inicia com o dispositivo da Lei das Escolas de Primeiras Letras, que obrigava os professores a se instruir no método do ensino mútuo, às próprias expensas; estende-se até 1890, quando prevalece o modelo das Escolas Normais. 2. Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1890-1932), cujo marco inicial é a reforma paulista da Escola Normal tendo como anexo a escola-modelo. 3. Organização dos Institutos de Educação (1932-1939), cujos marcos são as reformas de Anísio Teixeira, no Distrito Federal, em 1932, e de Fernando de Azevedo, em São Paulo, em 1933. 4. Organização e implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e consolidação do modelo das Escolas Normais (1939-1971). 5. Substituição da Escola Normal pela Habilitação Específica de Magistério (1971-1996). 6. Advento dos Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais Superiores e o novo perfil do Curso de Pedagogia (1996-2006). (SAVIANI, 2009, p. 143-144).

Assim, houve várias mudanças de perspectivas quanto à formação de professores no Brasil. No tocante a contemporaneidade, as mudanças continuaram ao longo das últimas décadas, principalmente ao que se refere ao desenvolvimento científico e tecnológico, e isso reflete também na formação docente, pois suas instituições não têm assimilados às novas demandas da sociedade (NUNES; OLIVEIRA, 2016).

A respeito das mudanças importantes na forma de apropriação do conhecimento que ocorram nos últimos anos, segundo Dvorak e Araújo (2016), a geração da informação, formulada a partir da massiva oferta de internet e dos meios de comunicação, possibilitou o fenômeno da educação permanente, viabilizando o acesso ao Ensino Superior e consequentemente ao diploma de nível

Superior, que perde valor diante das exigências do mercado de trabalho que requer pessoas em constante formação, ou seja, a formação continuada.

Dessa forma, essa geração faz parte da realidade da nova sociedade da informação que estabelece a educação ao longo da vida como parte fundamental da garantia de emprego e ascensão profissional. A maneira de se apropriar do conhecimento se modifica, o curso superior por si só já não é suficiente para a atuação profissional, precisa-se de um movimento contínuo de formação e preparação.

Segundo Schmidt (1996), a figura do professor carrega um imaginário consigo, em especial o professor de História, a sua imagem é marcada por ambiguidades. Ora apresentado como sacerdote; ora profissional da ciência, consolidador da nação, militante, bastião do passado ou agregador de diferenças e de indeterminados. Ele enfrenta embates em sua atividade docente, na mediação de conhecimento, devido, a ‘medo’ de não ser compreendido pelos alunos que estão imersos ao mundo digital, acessando às mais variadas informações disponibilizadas pelo acesso tecnológico e ao descompasso de sua formação que não acompanha as mudanças da sociedade e o aceleração dos novos estudos sobre o conhecimento histórico.

O professor de História preocupa-se em exteriorizar o que sabe, tornar explícito o seu pensamento e a sua emoção. Ao mesmo tempo, ele vive a insegurança em relação à juventude dos seus próprios alunos e à defasagem entre a sua própria formação e o aceleração contínuo dos novos estudos e pesquisas do conhecimento histórico. (SCHMIDT, 1996, p. 117).

A formação inicial do professor de História, muitas vezes é defasada, que deveria, após essa formação, primar por uma formação continuada, colaborando para sua construção identitária pessoal e profissional. Além do mais, ele tem que ficar atento às mudanças ocorridas na sociedade e no meio acadêmico (BAUMGARTEN, 2017). Contudo, apesar das dificuldades e limitações no tocante a sua formação, o docente possui a responsabilidade ensinar o aluno o ‘saber-fazer’, ou seja, levá-lo a autonomia sendo capaz de sua efetiva participação no processo de apropriação do conhecimento e se vendo como sujeitos da História (BAUMGARTEN, 2017).

De acordo com Moura (2009) no que diz respeito ao ensino de história é preciso ser valorizado, e quanto aos professores devem ter consciência de sua responsabilidade social e com o meio. E jamais confundir informação com educação.

As transformações tecnológicas trazidas pelas últimas décadas, bem como seus reflexos na educação formal, apresentam para o professor de História o desafio de além de possuir e ter consciência do domínio do conhecimento historiográfico em

sua dinamicidade acadêmica (já que este deveria ser premissa da profissão), ser capaz de assumir o papel de articulador na interlocução com os alunos e desses com o saber histórico, construindo sentidos que garantam uma real apropriação do conhecimento. (SILVA; DAVID; MANTOVANI, 2015, p. 394).

Com isso, o professor necessita enfrentar as dificuldades existentes na profissão, ter embasamento teórico que lhe garanta exercer a prática pedagógica e estar atento às múltiplas transformações do seu tempo (MOURA, 2009). Além da garantia da real apropriação do conhecimento pelos alunos.

Dessa forma, segundo Moura (2009), não se pode somente criticar a realidade do docente, discentes e/ou a escola, mas trabalhar com propostas concretas que possibilitem alterações em atitudes individuais e coletivas, para com isso apontar caminhos para reconstrução do ensino de História significativo para os alunos.

Assim, “o professor de História frente a várias definições do seu campo de trabalho, precisa estar se reestruturando, buscando novos caminhos que visem melhorias para seu trabalho” (MOURA, 2009). Dessa maneira, o docente em História diante das várias situações em seu campo de atuação, necessita se modificar atrás de novas perspectivas que auxiliem na prática docente. Nesse sentido, as novas tecnologias podem se fazer presentes como recursos pedagógicos para aprimoramento e aproximação da relação com os alunos que vivem conectados ao mundo digital.

2.2. Nativos digitais e ensino-aprendizagem de história

Os alunos de hoje não são os mesmos para qual a escola foi formulada (PRENSKY, 2001, p. 1) pode-se dizer que “o Brasil ainda tem uma escola do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI”, ou seja, há um conflito geracional entre estrutura escolar, corpo docente e alunos na preparação para a realidade do mundo digital.

Os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. Em média, um aluno graduado atual passou menos de 5.000 horas de sua vida lendo, mas acima de 10.000 horas jogando vídeo games (sem contar as 20.000 horas assistindo à televisão). Os jogos de computadores, e-mail, a Internet, os telefones celulares e as mensagens instantâneas são partes integrais de suas vidas. (PRENSKY, 2001, p. 1).

Os alunos crescem com as novas tecnologias, eles passam horas cercados por computadores, smartphones, câmeras digitais, e-mail, internet e jogos digitais. Os estudantes estão imersos em um mundo tecnológico que lhes permite um acesso a muitas informações. Fazem parte do ‘*homo zappiens*’,

ou seja, são parte de uma geração que não conhece um mundo sem internet e tecnologia, esses elementos são uma extensão natural do seu cotidiano. Eles possuem a expectativa que esses recursos estejam disponíveis e que possam usufruir da melhor forma possível. Dessa forma, nascidos em meio a essas transformações com abundâncias de informações, acabam por desenvolver novas estratégias de comunicação, cooperação e lidar com esse mundo em ebulição, são elementos essenciais para a sociedade atual. Contudo, acostumados com a colaboração, à investigação e à experimentação, o sistema escolar tradicional aparenta algo extremamente pobre, assim, o *homo sapiens* considera a escola como algo “fora do mundo real” (VEEN; VRAKING, 2009).

Contudo, vale ressaltar que ainda hoje há muitos alunos que apesar de estarem em um mundo que faz uso da tecnologia, não utilizam desses recursos devido a desigualdade e as condições sociais que vivem, ou seja, vivem numa exclusão digital, assim, pode-se falar dos usuários nativos digitais para os alunos que utilizam dos recursos digitais (BITTENCOURT; ALBINO, 2017).

De acordo com Silveira e Bazzo (2005);

Poderíamos dizer então que o crescimento da importância do conhecimento e a aceleração na produção de inovações faz com que as assimetrias e desigualdades sociais estejam propensas a agravar-se na mesma velocidade, ficando mais difícil superá-las e exigindo cada vez mais esforços na tentativa de revertê-las (SILVEIRA; BAZZO, 2005, p. 83).

Existem assimetrias e desigualdades nesse processo de desenvolvimento e acesso à tecnologia que se aceleram e se agravam, à medida que não exista esforços para reversão e/ou amenizar essas situações. Apesar disso, todas essas mudanças tecnológicas afetam os alunos, sejam eles usuários digitais ou não, e isso leva a alterações em como se ensina a história. Ela enquanto disciplina faz parte do contexto sócio-histórico envolvente, e passou por várias transformações ao longo do tempo, em seu início ainda no período imperial (1822 - 1889), era atrelada a uma história em função das elites na construção de uma identidade nacional com a construção de heróis.

A história enquanto disciplina foi oficializada no Brasil a partir de 1838, especialmente no Colégio D. Pedro II, centro de referência educacional para todo o Império brasileiro. A disciplina ministrada em um contexto brasileiro pós Independência tinha como objetivo a representação de uma história nacional. O projeto das novas elites dirigentes necessita de heróis e fatos marcantes; daí a função do ensino de história. (MOURA; FARIA, 2017, p. 57).

Nesse momento, ainda não havia uma história crítica que valorizasse e levasse em consideração as diferentes camadas sociais existentes, assim, o ensino era centrado na passagem de uma história que exaltasse a nacionalidade e os ‘grandes heróis’ não trazendo uma história significativa para os alunos

que desenvolvesse sua autonomia na compreensão dos acontecimentos históricos (MOURA; FARIA, 2017).

A história enquanto disciplina pode ser utilizada para estimular o senso crítico entre os alunos, levando em consideração que o conhecimento histórico é algo dinâmico, é necessário encorajar os estudantes para que reflitam historicamente sobre si e sobre as diferentes sociedades.

Ensinar História é fazer que os alunos construam o próprio ponto de vista. Os acontecimentos históricos não podem ser estudados isoladamente, pois o processo histórico é dinâmico e não estático. É necessário ensinar aos estudantes a ação do pensar/refletir historicamente, tanto as diversas sociedades, quanto a sua própria existência. (MOURA, 2009, p. 3).

O ensino deve suscitar a autonomia dos alunos, contextualizando o cotidiano deles, a formação histórica não pode se prestar a validação de discursos que sustentem ideologias dos poderes dominantes (MOURA; FARIA, 2017).

Deve-se levar em consideração que pensar e ensinar a história não é se prender ao passado, mas sim ter em mente o futuro. Segundo Santos (2016), os conhecimentos históricos de pouco servem se permanecerem no vazio de significados, eles devem fomentar a compreensão dos acontecimentos presentes dando significação às ações de hoje.

Segundo Baumgarten (2017), o ensino de história possui significado na utilização dos conhecimentos históricos para reflexão dos alunos em confronto com diversas concepções, isso resulta numa aprendizagem histórica que ultrapassa o meio escolar e auxilia na orientação da vida cotidiana,

A função do ensino é auxiliar o aluno rumo a um desenvolvimento da consciência histórica, possibilitando uma reflexão no sentido da compreensão, interpretação e orientação na vida prática. [...] O ensino de história deve possibilitar ao educando uma forma de julgamento onde está em jogo o futuro de seu projeto de vida. (MOURA; FARIA, 2017, p. 61)

O objetivo do ensino de história na aprendizagem histórica é o desenvolvimento da consciência histórica dos alunos que levem para reflexão, compreensão, interpretação para vida prática deles, ela funciona como um modo específico de orientação em situações reais da vida presente: ajudar-nos a entender a realidade pretérita para compreender a realidade atual. (RÜSEN, 2010).

Os alunos devem ser centro do processo de aprendizagem como sujeitos pensantes que constroem e reconstróem seu conhecimento. Eles são sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem, além de participantes ativos e passivos da História, assim deve-se levar em consideração a suas especificidades, suas formas de aprenderem os conteúdos escolares. É trazê-los ao centro do processo de aprendizagem, não limitando-os aos conteúdos propostos em suas séries habituais.

Contudo, levar em consideração os alunos como sujeitos dentro da sociedade (AMORIM; CASTRO; SILVA, 2021).

A História tem um cabedal dos seus próprios conceitos e saberes, contudo, também é fundamental em tempos de transformação do conhecimento e da forma de aprendizagem, é importante o diálogo com outras áreas das humanidades, pois numa educação do futuro não se pode fragmentar os conteúdos em ‘caixas’, não se pode isolar os alunos somente no conteúdo histórico, como se não houvesse uma conversa entre as demais disciplinas (MORIN, 2000).

Desse modo, conforme Silva, David e Mantovani (2015), ressaltam que o ensino de História apresenta uma dinamicidade característica do fazer histórico, que se faz através do diálogo entre o passado e o presente. A construção histórica não é algo estático na representação de um acontecimento, de uma conjuntura da realidade, ela está em constante transformação. É nessa constante mutação, que faz-se necessário conexões disciplinares para que os alunos possam ser capazes de compreendê-la tendo vista um conhecimento complexo, ou seja, tecido junto (MORIN, 2000).

Nessa perspectiva, o processo de conhecimento:

[...] é movimentado por uma grande rede, ou seja, tudo está interligado, podemos perceber o quanto a estrutura curricular está ultrapassada pela fragmentação das disciplinas em conteúdos. Assim, entender o conhecimento é compreender através de uma consciência coletiva e individual, cada um com suas especificidades atuando numa rede de complexidades. (OFFIAL; LEYSER, 2018, p. 23).

O conhecimento histórico para esses alunos tem que levar em consideração a grande interligação das disciplinas, o que leva a um conhecimento através de uma consciência coletiva e individual, onde os alunos com suas especificidades atuam numa rede de saberes. Deve-se levar em consideração também outros aspectos, como o contexto das informações para geração de sentido:

O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual se enuncia. (MORIN, 2000, p. 36).

O conhecimento histórico não é feito em isolamento, as informações soltas são insuficientes para a compreensão, assim, o contexto das informações e dos alunos, com isso, conforme Baumgarten (2017), o ensino de História, deve-se ter em mente, levar o aluno a conhecer a diversidade cultural, os bens culturais, o patrimônio histórico para contribuir na formação cidadãos conscientes do papel de sujeitos históricos com capacidade de transformação social.

De acordo com Moura e Faria (2017), seguindo a perspectiva de Rüsen, o aprendizado histórico é apropriação da história objetiva na conversão da capacidade narrativa da temporalidade das

circunstâncias da vida presente. Contudo, não é somente uma apropriação da história objetiva, se trata de um ‘assenhramento’ de si a partir dela para assim construir subjetivamente uma identidade, ou seja, envolve um processo de autonomia dos alunos. Nesse processo de aprendizado da História em meio às transformações tecnológicas, pode-se falar da relação entre ensinar História e as inovações tecnológicas:

[...] a relação entre as inovações tecnológicas e o ensino de História, pois se deve considerar a necessidade de saber articular, pensar e refletir, a partir das novas tecnologias, e não como uma maneira de preencher a ausência do professor. As novas tecnologias devem ser articuladas com os currículos e com a prática pedagógica em sua totalidade, para que os educandos se tornem conhecedores da pluralidade de realidades presentes e passadas. (BAUMGARTEN, 2017, p. 72).

Atualmente, há a necessidade da articulação, pensamento e reflexão por meios das novas tecnologias para o desenvolvimento da possibilidade de conhecer as várias realidades presentes e passadas, além do mais as mídias digitais vêm ganhando espaço no meio acadêmico e elas trazem opções de recursos didáticos para a aprendizagem:

A utilização cada vez maior, das mídias digitais no ambiente acadêmico e corporativo como estratégia, com um público cada vez mais envolvido com a tecnologia, trazem para as instituições várias opções de recursos didáticos para lhes dar a oportunidade de responder às diferenças individuais e às múltiplas facetas da aprendizagem (BITTENCOURT; ALBINO, 2017, p. 209).

Segundo Moura (2009), às novas tecnologias trazem contribuições metodológicas, são recursos para o auxílio do desenvolvimento da construção e transmissão dos conhecimentos históricos. Esse desenvolvimento tecnológico permite a preservação documental de fontes históricas que podem ser manuseadas no ensino para suscitar nos alunos problemáticas, discussões e investigações sobre épocas passadas.

É preciso se pensar sobre as práticas fossilizadas e a utilização de novas metodologias em conjunto com as novas tecnologias. Segundo Dvorak e Araújo (2016), a utilização das novas tecnologias em sala de aula permite o desenvolvimento de novas competências e aproximação com as novas gerações, assim, essas práticas podem despertar novas aptidões no ambiente de ensino.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o artigo buscou colaborar trazendo considerações sobre a formação de professores da disciplina de história e as mudanças ocorridas nos últimos anos nesse processo formativo, a relação dos novos alunos que estão envolvidos em um mundo tecnológico que altera as maneiras de se aprender

a história, como isso é percebido no ensino-aprendizagem pelos docentes. Deve-se perceber que esses alunos são protagonistas no processo de aprendizagem, além de sujeitos da história. Dessa maneira, a história deve ser apresentada a levá-los ao desenvolvimento da consciência histórica que os permita a autonomia e ‘assenhramento’ da história objetiva para uma finalidade por meio de uma história subjetiva a prática do cotidiano.

As transformações tecnológicas alteram as percepções de ensino e aprendizagem, os discentes também são alcançados por tais transformações, dessa forma, os professores também precisam se adaptar utilizando novas metodologias aliadas às novas tecnologias para se aproximarem dos estudantes. Contudo, vale ressaltar que mesmo a tecnologia estando presente em vários aspectos da sociedade e da educação, ela se propaga de maneira desigual e assimétrica em diversas situações sociais e meios sociais. Dessa forma, esse trabalho também veio trazer reflexões sobre a relação entre a formação de professores de História e as novas tecnologias.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Giovana Carla Cardoso; CASTRO, Alessandra Maia Nolasco de; SILVA, Micaela Ferreira dos Santos. Teorias e práticas pedagógicas de Cèlestin Freinet e Paulo Freire. **Anais do IV FIPED– Fórum Internacional de Pedagogia**. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012.

BAUMGARTEN, Lídia. Aprendizagem histórica no ensino de História: algumas considerações. **Revista Crítica Histórica**, 2017, v. 8. n. 15, 2017. p. 62-83.

BITTENCOURT, Priscilla Aparecida Santana; ALBINO, João Pedro. O uso das tecnologias digitais na educação do século XXI. **Revista Ibero-Americana de estudos em educação**. 2017, p. 205-214.

SILVA, Hilda Maria Gonçalves da; DAVID, Célia Maria; MANTOVANI, Almir. A tecnologia como aliada no ensino de história e a sua adesão nas escolas de educação básica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. 2015, v. 10, n. 2, p. 390-399.

MOURA, Mary Jones Ferreira de. O ensino de História e as novas tecnologias: da reflexão à ação pedagógica. **ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História**. Fortaleza, 2009.

DVORAK, Patrícia Eliza; ARAÚJO, Izabel Cristina de. Formação docente e novas tecnologias: repensando a teoria e a prática. **Revista Intersaberes**, 2016, v. 11. n. 23, p. 340-347.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Brasília: Cortez, 2001.

MOURA, Antônio Guanacuy Almeida; FARIA, Ronair Justino de. Ensino de História e Consciência histórica: a teoria de Jörn Rüsen. In: MANIERI, Dagmar (Org.) A temporalidade da história. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

NUNES, Claudio Pinto; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Trabalho, carreira, desenvolvimento docente e mudança na prática educativa. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, Ahead of print, abr.. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/2016nahead/1517-9702-ep-S1517-9702201604145487.pdf>. Acesso em: 13 maio 2020.

OFFIAL, Patrícia Cesário Pereira; LEYSER, Kevin Daniel dos Santos. **A produção do conhecimento no ambiente escolar**. Indaial: Uniasselvi, 2018.

PRENSKY, Marc. Nativos digitais, imigrantes digitais. **On the horizon**, 2001, v. 9, n. 5, p. 01-06.

RÜSEN, Jörn. **O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral**. Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: UFPR, 2010, 51-77.

SANTOS, Rodrigo Otávio dos. **Fundamentos da Pesquisa Histórica**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista brasileira de educação*, 2009, v. 14, n. 40, p. 143-155.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula: Entre o embate, o dilaceramento, e o fazer histórico**. Mesa-redonda, 1996.

SILVEIRA, Rosemari Monteiro Castilho Foggatto; BAZZO, Walter Antônio. **Ciência e Tecnologia: transformando a relação do ser humano com o mundo**. Simpósio internacional processo civilizador, 2005, 9: 1-13.

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Data de submissão: 03/08/2021

Data de aprovação: 20/09/2021